

O Direito de Estudar

Rubem Braga

13.3-66

No momento em que escrevo, o presidente Castelo Branco deve estar fazendo um discurso na Universidade Federal de Santa Maria (da Boca do Monte), no Rio Grande do Sul, sobre problemas do ensino.

No momento em que escrevo acontece também que estão acampados no Ministério da Educação algumas centenas de jovens que obtiveram média igual ou superior a 5, mas não puderam ser matriculados em nenhuma faculdade de medicina do Rio ou do Estado do Rio por falta de vaga. Tenho aqui os dados que os estudantes me trouxeram: nas cinco faculdades para as quais era válido o exame, havia 514 vagas. Total dos candidatos: 4.975. Número dos que tiveram nota 5, ou superior, e não conseguiram matrícula: 910!

Ora, é o Ministério da Saúde quem diz que o Brasil tem um déficit de 40.000 médicos. E no ano passado formaram-se apenas 1.825, contando todas as faculdades do país. Acontece, portanto, isto: há jovens que desejam ser médicos e estão em condições culturais de ingressar nas escolas de medicina em tal quantidade que haveria esperança de cobrir o déficit de médicos dentro de prazo razoável. Mas não há vagas... O governo nega, simplesmente, o direito de estudar. Não há, não pode haver reivindicação mais justa que a desses moços que reclamam o direito de se tornarem médicos — os médicos que está pedindo, implorando, este país de 80 milhões de habitantes, de 20 milhões de doentes de ancilostomose, de 6 milhões de doentes de esquistossomose, de 3 milhões com a doença de Chagas, um milhão com tracoma, meio milhão com tuberculose etc., etc.

É possível que o presidente da República esteja citando estes mesmos dados, que são oficiais. Acho, porém, que ao fim de quase dois anos de governo a Revolução já deveria ter vencido a etapa das constatações e das lamentações e ter enveredado pelas realizações. Perguntei aos moços que vieram procurar-me:

— Por que os excedentes do ano passado não fizeram o mesmo barulho?

Um deles me respondeu que no ano passado, nesta época do ano, o ambiente de repressão a todo movimento estudantil era de tal ordem que ninguém se aventurou ao protesto. O famoso terror-cultural que o governo nega com tão admirável despiante estava grassando nas Universidades de tal forma que paralisava todo movimento de protesto, por mais patriótico e mais justo que ele pudessem ser. Seria... pretexto para agitação!